

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**G** BOLETIM  
GOIANO *de*  
*Geografia*

INSTITUTO DE ESTUDOS  
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

**VOL. 22 - N.º 2 - JUL./ DEZ. 2002**

## RESENHA 1

**AUTOR:** Jacobson Luiz Ribeiro Rodrigues<sup>1</sup>

**LIVRO:** LEAKEY, Richard E.; LEWIN, Roger. *O Povo do Lago – o homem: suas origens, natureza e futuro*. Tradução Nilce Galanti. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1996, c 1978. 258p.

**Roger Lewin:** biólogo e professor, trabalhou em muitos centros de pesquisas da África Oriental. Tem colaborado com Richard Leakey desde 1975, com o qual escreveu *Origins, Origins Reconsidered*. Conhecido no Brasil pelo livro *Complexidade: A vida no limite do caos*, publicou, também, *The Origin of Modern Humans, Bonés of Contention, Child alive, In defense of the body, The nervous system e Hormones*. É editor científico do *New Scientist*, em Londres.

**Richard Leakey:** Filho de dois importantes e tradicionais pré-historiadores: Louis e Mary Leakey. Descobridor de um dos maiores sítios arqueológicos explorados, o de Koobi Fora, na margem leste do Lago Turkana, no Quênia, África. Descobriu, também, perto da praia leste do lago Rodolfo, no Quênia, o chamado “crânio 1470” muito discutido no meio antropológico por propiciar profundas mudanças nas concepções tidas para a origem da espécie humana. É atualmente diretor do Museu Nacional do Quênia.

O livro, *O povo do lago – o homem: suas origens, natureza e futuro*, dos pesquisadores Roger Lewin e Richard Leakey, expõe as importantes descobertas arqueológicas do Vale da Grande Fenda, na África e, contando ainda com estudos de povos primitivos, ainda vivos, apresenta algumas construções acerca da estrutura biológica das nossas origens e de como poderiam ter vivido nossos antepassados, principalmente os estágios percorridos pela espécie humana para alcançar este nível de organização cultural que vivemos. As dificuldades e os esforços, desprendidos pela ciência e pelos cientistas na busca da compreensão de nossa origem, não tiram dos autores a honestidade em colocar que ainda temos pouco, mas os indícios demonstram o gigantesco caminho evolucionário por qual passou a mulher e o homem nestes milhões de anos. A obra, então, descreve os hábitos alimentares, a comunicação, as relações existentes, enfim, a

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pelo IESA/UFG, especialista em Educação Ambiental e Planejamento Urbano e Ambiental. E-mail: jacobsonluiz@uol.com.br.

organização social e o lugar em que se deram estes momentos evolucionários, conseguindo trazer o leitor para participar desta discussão, atentamente, até ao final do livro, quando novos questionamentos são colocados.

Os autores, inicialmente, tratam da descrição do Vale da Grande Fenda, resultado da movimentação das placas de rocha da superfície da Terra que, há milhões de anos (15 a 25 milhões de anos), empurrou o Continente Africano contra a Eurásia, fazendo com que surgissem deformações na crosta terrestre, além de criar condições para que lavas e gases incandescentes perfurassem crateras e formassem gigantescos vulcões, que com o passar do tempo foram aterrados por sedimentos e lavas, ou foram se afundando devido ao peso da estrutura e até mesmo pelo distanciamento das placas.

Estas condições fazem com que o Vale, que atravessa a Tanzânia, o Quênia e a Etiópia, esteja formado por lagos, vulcões e, felizmente, repleto de sítios fósseis.

O Vale, também, é uma matriz ecológica com uma diversidade incomum de *habitats* e de vegetação: floresta tropical, savana, deserto semi-árido, campinas alpinas, gramados e matas abertas, condições que favoreceram a evolução e a proliferação hominida na África.

O Lago Turkana fica ao norte da Grande Fenda, recebendo contribuições sedimentares do rio Olmo e de outros cursos d'água, o que, durante os últimos 4 milhões de anos, tem ajudado a preservar os fósseis encontrados hoje em dia.

No capítulo 2, então, começa-se a descrever a evolução dos antropóides, cujo domínio sobre a Terra, iniciado há aproximadamente 17 milhões de anos, no Mioceno, daria origem à família dos homínídeos. Antes, cerca de 70 milhões de anos atrás, com o declínio e desaparecimento do dinossauro, abriu-se condições para o surgimento e proliferação dos primeiros primatas: noturnos, arborícolas e insetívoros, em um ambiente evolutivo totalmente favorável.

Há 40 milhões de anos já haviam aparecido aparelhos importantes como a mão, a visão estereoscópica e a capacidade de ver em cores, com os prossímios dominando a cena, quando, então, os macacos começaram sua ascensão, que durou até o surgimento dos antropóides.

Lewin e Leakey descrevem três criaturas semelhantes ao antropóide, que viveram entre 10 e 15 milhões de anos atrás: o *Gigantopithecus*, o *Sivapithecus* e o *Ramapithecus*, sendo o primeiro maior, mas define o último como sendo o primeiro verdadeiro homínídeo.

Com os fragmentos e fósseis achados, passa-se a descrever o *Ramapithecus*, seu meio de vida, alimentação, estatura física e padrão de migração, além de algumas semelhanças com os antropóides modernos, principalmente, através da descrição e da análise dos maxilares e dentes descobertos. Por fim, discute-se o andar ereto e as necessidades objetivas de sobrevivência que o levaram a esta condição.

Ao iniciar o capítulo 3, os autores salientam a transitoriedade “inevitável” de nossa espécie sobre o planeta e, no entanto, lembram o animal extraordinário que somos, com condições de impor nossa vontade e nossa cultura ao mundo que nos cerca.

Assim, começam a descrever as tentativas dos pré-historiadores em compreender e montar a evolução humana a partir das pequenas quantidades de fósseis achados até hoje, além de utensílios de pedra, aspectos remanescentes dos antigos sítios onde viviam, ossos de animais que, talvez, serviram de alimento, e outros sinais.

Explicam, também, porque a África e, especificamente, o Vale da Grande Fenda ofereceram as melhores condições ambientais para o desenvolvimento da espécie humana e assim, segundo Charles Darwin profetizou, ser o centro da exploração paleontológica. Lewin e Leakey descrevem sua convicção de que foi o *Ramapithecus* que há cerca de 8 milhões de anos mergulhou no vazio fóssil, ressurgindo “4 milhões de anos mais tarde com a cabeça erguida e o andar ereto” por meio de quatro linhagens diferentes: o nosso ancestral *Homo habilis*, o *Australopithecus africanus*, o *Australopithecus boisei* e uma espécie remanescente do *Ramapithecus*: o achado esqueleto de Lucy.

Descreve-se o achado do crânio fóssil do “1470” no 4.º capítulo, reforçando a idéia de que há 4 milhões de anos os três principais hominídeos, citados anteriormente, conviveram na beira do Lago, pelo menos durante 1 milhão de anos, o que leva a crer que, embora fisicamente fossem muito semelhantes, eles tinham hábitos e alimentação diferentes.

Explicita-se como foram encontrados os fósseis e, a partir de análises destes, como provavelmente viveram estes hominídeos. Meras conjecturas, já que diversas ações podem ter alterado a formação e a localização dos mesmos.

Inicia-se, o 5.º capítulo, descrevendo as descobertas fósseis de prováveis ancestrais *Homo*: Mary Leakey e outros encontraram maxilares inferiores e dentes isolados de cerca de treze indivíduos; marcas de pegadas

de três, talvez uma família; o rico veio de homínídeos fósseis que resultaram na descoberta de 34 adultos e dez crianças que morreram na mesma época e no mesmo lugar. Todas estas descobertas foram feitas na África de indivíduos que viveram há, aproximadamente, 3,5 milhões de anos.

Os achados fósseis de pré-humanos são, então, diferenciados: O *Homo habilis* que viveu entre 3 e 2 milhões de anos atrás na África; o *Homo erectus*, surgido acerca de um milhão e meio de anos e que há mais de um milhão de anos atingiu partes da Europa e Ásia evoluindo para o *Homo sapiens* que viveu nos três continentes acerca de 500 mil anos.

Neste capítulo, ainda, apresenta-se estudos importantes de biomecânica que analisam o caminhar ereto e o diferenciam do bipedismo, ao mesmo tempo que testemunham que os australopitécíneos, talvez, já caminhavam assim há 8 milhões de anos.

A partir de então, Lewin e Leakey iniciam a discussão acerca da necessidade que levou o *Homo* a andar ereto e a utilizar melhor as mãos: a forma como se alimentava, a melhor postura para se proteger em pastagens abertas, a elaboração de utensílios e instrumentos de defesa. Desmistificase a forma de vida dos pré-humanos, a relação com a coleta e a caça (coletores-caçadores e não ao contrário), quando, na análise dos dentes e na comparação com outras espécies similares, demonstra-se que aqueles viviam preferencialmente da coleta de castanhas, frutas, raízes e vegetais e algumas vezes da carne resultante de difíceis e gloriosas caçadas ou de restos de animais encontrados mortos. No entanto, essa flexibilidade, ao se incluir os mais variados produtos e possibilidades no cardápio, criou condições para a sobrevivência nos mais difíceis ambientes. Este **oportunismo** foi uma das iniciativas principais para o sucesso evolutivo da espécie.

Traça-se uma discussão interessante acerca desta variada alimentação e o perigo da imposição dos conceitos machistas da sociedade atual ao se tentar analisar os povos primitivos: a função da mulher ao coletar alimentos e do homem ao caçar é libertado destes preceitos ao se considerar a realidade dos fatos, ou seja, consumia-se mais o produto da coleta do que o da caça. Assim, a mulher teve papel importante na economia, na manutenção do grupo, na nutrição das crias e para a prosperidade da espécie. Além disto, foi o ato de fabricação de um recipiente pela fêmea para carregar as sementes, frutos e bulbos que trouxe um grande impacto social, que proporcionou um estilo de vida totalmente novo no grupo.

Mesmo assim, a excitação do jogo da caça e a felicidade ao trazer a

carne, também, reforçaram a união do grupo, os laços de parentesco ao distribuí-la, mesmo que o caçador não pudesse fazer isto constantemente.

No entanto, a combinação destes dois tipos de alimentos criou a **primeira economia mista** e evidencia um fator que diferencia o humano dos outros animais: coletar, caçar, trazer o produto de volta para o grupo e **repartir**, isto foi o que nos fez humanos.

Lewin e Leakey explicitam que, além disto, outra característica, talvez surgida ao mesmo tempo em que o cérebro tornou-se capaz de gerar uma consciência própria, o **altruísmo** ou a capacidade de prestar ajuda ao outro da mesma espécie, possibilitando a vida em comunidade, fez com que o ser humano se distanciasse das outras espécies, no tocante às possibilidades do sucesso evolucionário.

Discute-se, a seguir, a pressão evolutiva no cérebro do hominídeo como fator decisivo para seu desenvolvimento: a necessidade de coletar melhor e defender o filhote, a precisão da caça, a disposição para distribuir ao grupo, a aptidão para o altruísmo, tudo isso fez com que surgisse a necessidade de comunicação entre os indivíduos e de organização interna. Os estudos e as comprovações são feitos por meio da observação das dimensões dos cérebros fossilizados, das protuberâncias existentes e da análise de objetos e artefatos encontrados com estes fósseis.

A sexualidade, o papel da fêmea e do macho neste contexto, é discutida no 10.º capítulo. Entre os humanos não só para procriação o sexo tem interesse: o prazer e o orgasmo feminino parecem ser exclusividade da nossa espécie.

No entanto, a despeito dos custos biológico e de energia serem maior por parte da fêmea, a sua subjugação ao macho é comum, segundo os autores, entre a espécie humana e muitas outras. A responsabilidade pela criação dos filhotes e, neste sentido, a “decadência das fêmeas”, se deu quando os animais se transferiram para “terra firme”.

Embora a poliginia seja mais presente entre os mamíferos e os primatas superiores, o ser humano pode ter sido afetado pelo desenvolvimento da economia mista baseada na partilha do alimento, aproximando seu estilo de vida ao de muitas aves, no qual o macho tem compromisso na criação do filho. A monogamia constitui regra somente onde é exigida por leis, sendo que a poliginia é também muito comum, como sugere a diferença de porte físico entre macho e fêmea.

No entanto, com a revolução tecnológica em todos os setores da economia, somente a tradição social, dizem Lewin e Leakey, é que constitui

uma barreira para o estabelecimento de uma igualdade de oportunidades para homens e mulheres.

Por fim, chegamos ao homem moderno, supostamente surgido nos últimos 50 mil anos quando a agricultura estava se tornando bem assentada.

Esta, a revolução agrícola, criou condições para a explosão populacional, para a difusão dos focos de evolução humana e para a invenção da guerra.

No último capítulo é discutida, então, a violência humana e sua “agressividade instintiva”, segundo Freud. No entanto, alguns estudos têm demonstrado que tal característica está ligada às condições ambientais e de obter parceiros, e resulta em práticas como o ‘exo e endo canibalismo’ que, no entanto, não podem ser confundidos com a guerra, mesmo porque ainda não foi comprovada sua existência na pré-história.

A guerra é uma instituição política, controlada pelas classes sociais e nações dominantes, e tem o intuito de dominação e de imposição econômica e cultural, além de manipulação dos povos dominados.

Os autores, Lewin e Leakey, com este trabalho, construíram um importante documento da história da evolução humana e das heranças observadas na vida atual. Conseguiram conjugar vários conhecimentos acumulados até hoje em várias ciências, com a análise dos fósseis achados, deixando explícito que a quantidade ainda é muito pequena, mas que várias conclusões já podem ser colocadas.

Tentando e conseguindo se livrar de vários preconceitos e hábitos impostos pela ideologia dominante, os autores levantam, baseados no conhecimento e discussões da nossa origem e da pré-história, alguns caminhos que o ser humano deveria seguir: a libertação da mulher, a cooperação e a partilha.

Assim, compreendem que [...] “todos nós não apenas compartilhamos uma origem comum, mas, inegavelmente, o mesmo destino. É um destino que a raça humana agora está apta a escolher”.